

**FORA DA VIDA:  
AS EXPERIÊNCIAS DAS MULHERES DA FAMÍLIA FLEURY GODOY NA  
PASSAGEM DO SÉCULO XIX PARA O XX.**

Rafaella Sudário Ribeiro Franco. (UNB)

Resumo: O presente artigo tem por objetivo visibilizar a literatura de autoria feminina através da análise da produção ficcional e não ficcional de duas gerações de autoras goianas. A partir de suas obras é possível uma compreensão e interpretação das experiências patriarcais da sociedade goiana, do conjunto de representações e do imaginário em que essas mulheres estavam inseridas.

Palavras-chave: história, gênero, experiências, literatura.

Abstract: The present article has the objective of observing the feminine literature through the analysis of the literary production and not literary production of two generation of authors from the city of Goiás. Through their work it is possible an understanding and interpretation of the patriarchal experiences of the goiana society, of the set of representations and the imaginary which these women were inserted.

Key words: history, gender, experiences, literature.

O presente artigo tem por objetivo analisar a produção ficcional e não ficcional de Augusta Faro e suas filhas Maria Paula e Nita Fleury, mulheres da família Fleury Godoy, que residiram na Cidade de Goiás, desde 1896 até as primeiras décadas do século XX.

As experiências que constituíram essas mulheres são percebidas por meio da leitura de suas obras. Tais experiências possibilitam a compreensão e interpretação do conjunto de representações e do imaginário instituído da sociedade goiana.

Augusta Faro e suas filhas escreveram artigos para jornais e revistas na passagem do século XIX até a década de 60 do século XX<sup>1</sup>. Engendradas nas relações sociais, viram na literatura, local de fala e espaço de resistência. Essas mulheres publicaram livros de contos, crônicas, poemas, memórias e romances. É a partir desta produção bibliográfica que tentaremos compreender a experiência dessas mulheres e as representações que teceram o imaginário no qual elas estavam inseridas.

Estudos conceituais sobre a experiência nos mostram que os sujeitos não têm experiência, mas são constituídos nela, sendo efeitos das práticas sociais. Nesse sentido, Joan Scott (1999) problematiza esse referencial teórico e propõe sua historicização. Em seu texto *Experiência* nos ensina:

Tornar visível a experiência de um grupo diferente expõe a existência de mecanismos repressores, mas não seu funcionamento interno ou sua lógica; sabemos que a diferença existe, mas não a entendemos como constituída racionalmente. Para tanto, precisamos dar conta dos processos históricos que, através do discurso, posicionam sujeitos e produzem suas experiências. Não são os indivíduos que têm experiência, mas os sujeitos é que são constituídos através da experiência. (...) Pensar a experiência dessa forma é historicizá-la, assim como as identidades que ela produz. (SCOTT, 1999:27)

Desta forma, entende-se por experiência as formas de crenças ou percepções, ou seja, um processo para todos os seres sociais, local onde a subjetividade é construída, onde a pessoa se coloca ou é colocada na realidade social.

Assim como Joan Scott, Teresa de Laurettis (1994) escreveu sobre o tema e em seu texto *Tecnologias de Gênero* nos explica que experiência é “... um complexo de efeitos, hábitos, disposições, associações e percepções significantes que resultam da interação semiótica do eu com o mundo exterior.” (LAURETTIS, 1994:228).

A experiência é ao mesmo tempo individual e coletiva, faz parte da linguagem cotidiana, está imbricada nas nossas narrativas. A experiência é interpretação e, por esta razão, este complexo de significados precisa ser analisado de forma cuidadosa por parte das/os historiadoras/es porque ela se constitui um elemento importante na compreensão do passado e que foi negligenciado pela historiografia tradicional.

Destacamos a literatura como elemento fundamental na tentativa de compreensão dessa experiência, pois ela constitui uma fonte privilegiada para a leitura de uma época, suas sensibilidades e valores.

A literatura foi ignorada pela ciência ao longo dos anos, pois se acreditava que ela não era a fonte “ideal” para a produção da verdadeira epistemologia. Entretanto, as novas discussões sobre as fronteiras entre História e Literatura têm incentivado os historiadores a buscarem no literário uma fonte de acesso ao conhecimento historiográfico. Por meio do reconhecimento da importância da literatura como uma das formas de tradução da realidade e fonte para a história, foi selecionada as obras literárias deixada pelas mulheres da família Fleury Godoy para análise das experiências.

Augusta Faro e suas filhas Maria Paula Godoy e Mariana Fleury deixaram um *corpus* literário relevante, o qual será utilizado como fonte documental para o presente trabalho. O objetivo principal é entender a história de Goiás e suas práticas sociais na passagem do século XIX para o XX e suas primeiras décadas a partir da análise da experiência na qual as mulheres da família Fleury Godoy estavam inseridas.

Augusta foi uma das primeiras mulheres a dedicar-se à Literatura em Goiás. Seu primeiro livro foi lançado em 1891 intitulado *Devaneios*. Esta é uma obra que reúne vários contos e nela é possível verificar as relações de poder no âmbito familiar, os costumes e valores no final do período monárquico. *Ramalhete de Saudades* são relatos de memória encontrados em um velho caderno da autora, sendo acrescido ao livro numa 2ª edição em 1988. *Ramalhete de Saudades* foi escrito por Augusta Faro em 1872, um ano depois da aprovação da Lei Barão de Rio Branco ou Lei do Ventre Livre<sup>2</sup>. Ao fazer a leitura desses relatos percebemos as relações entre senhores/as e seus/suas escravos/as:

- Augusta, para dentro... era o estribilho diário. Recomendava ao preto velho, tio Jô, que era o cozinheiro africano e que a muitos anos nos servia. [...] junto ao quarto de nossos pais dormíamos nós três com minha ama de leite, uma alemã, Ana Bocam, que continuava em casa pois era muito pobre e com uma porção de filhos. [...] Não sei qual o número de escravos, mas eram muitos. Havia os que trabalhavam na roça de café, e, em casa, como lavadeiras, engomadeiras, doceiras, cozinheiras, sem contar as mucamas e os crioulinhos, cujo serviço era brincar com os sinhozinhos. (CURADO, 1891:106)

Além disso, o livro nos mostra as profundas transformações pelas quais passava a sociedade brasileira (e, por consequência, também goiana) nessa época, influenciadas pelo processo de modernização e urbanização na vida das famílias e consequentemente nas relações sociais.

Augusta veio do Rio de Janeiro para Goiás em 1896, narrou toda esta trajetória que durou dois meses em um diário que foi organizado e publicado posteriormente por

sua filha Maria Paula Godoy<sup>3</sup>. Foram dois meses de desconforto, calor, estradas precárias, falta de água, perigo e dificuldade em viajar com crianças.

Em seu diário Augusta Faro narra:

[...] O sol foi esquentando, os viajantes aumentando, o vagão era um verdadeiro forno, um horror! Em Campinas, que é uma bela cidade, com estação quase maior do que a Central, tivemos baldeação. Agora sim, deixamos o muito ruim pelo pior. Seguimos já cansados e num lugar por nome 'Morro Seco', lugar árido, terra cor de oca, uma ou outra árvore mirrada, galinhas ciscando, sol quente, a máquina já fatigada repousa um pouco porque estamos no alto da serra. Nesse lugar não há água, nem de poço, e bebem água da chuva... quando chove. Como nesse lugar a máquina despeja a sua caldeira, os moradores recolhem essa água viajada como cousa preciosa. Gente malicenta, esfarrapada. Vivem de farinha e rapadura, que vão comprar na cidade vizinha, porque nada plantam – um verdadeiro deserto! [...] Ainda na véspera o trem descarrilhara. Tendo partido de São Paulo às 5 horas, chegou no outro dia às 6 horas da manhã em Ribeirão Preto. Graças a Deus, porém, nada sofremos; e às 9 horas da noite, chegávamos nessa cidade. Que impressão desagradável! Iluminação a querosene e das piores, deixando as ruas quase às escuras. (CURADO, 1985:32/33).

Depois de dois meses de viagem Augusta Faro chega à Cidade de Goiás; foi na antiga capital do estado, que a família Fleury Godoy viveu - mais precisamente, na Chácara Baumman<sup>4</sup>. Nesse cenário cresceu Maria Paula Godoy e sua irmã Mariana Fleury (também chamada Nita) que influenciadas pelo trabalho e dedicação da mãe, desenvolveram o gosto pelas artes e literatura.

Entendemos que a história precisa ser escrita a partir de perspectivas diferentes, com múltiplas leituras de fontes diversificadas que outrora foram ignoradas pela historiografia. A leitura das obras destas mulheres nos permite uma construção historiográfica com novas formas de interpretações históricas diferenciadas dos modelos hegemônicos tradicionais. Dessa forma, propomos alternativas desconstrucionistas do material disponível.

A partir das obras de Augusta Faro, Maria Paula e Nita Fleury percebemos as relações de poder e seus efeitos, os mecanismos construtores da sociedade goiana, os processos discursivos onde os sujeitos foram engendrados, já que essas mulheres escritoras foram constituídas também na experiência do ato de escrever suas crônicas, contos, poemas. Tais obras traduzem suas leituras de mundo, numa dialética entre representações e auto-representações.

A emergência de novos temas possibilitou a construção de uma história no feminino, negando o determinismo biológico e natural, valorizando as dimensões simbólicas e as representações sociais. O pós-modernismo, assim como a História Cultural e os Estudos Feministas trouxeram uma abertura para novas formas interpretativas e narrativas, rompendo com a cientificidade e veracidade do positivismo; o próprio discurso passou a ser interrogado.

A História Cultural abre espaço para questionar e interpretar os acontecimentos e as fontes, proporciona aos seus pesquisadores um diálogo com outras ciências; assim como nos diz Vainfas: “a chamada História Cultural é uma história plural, apresentando caminhos alternativos para a investigação histórica.” (VAINFAS, 1997:149)

A História Cultural descentrou a idéia de se escrever ou pesquisar apenas pelo aspecto econômico ou político, mas abraçou a valorização da cultura como fonte para a produção do conhecimento, e a utilização do imaginário e das representações sociais para a construção da historiografia. Sobre a importância da cultura para a pesquisa científica Sandra Pesavento nos diz:

A cultura é ainda uma forma de expressão e tradução da realidade que se faz de forma simbólica, ou seja, admite-se que os sentidos conferidos às palavras, às coisas, às ações e

aos atores sociais se apresentem de forma cifrada, portanto já um significado e uma apreciação valorativa. (...) ajustamento da realidade do mundo às formulações explicativas do homem para dar conta do próprio mundo. (PESAVENTO, 2004: 15)

Além das contribuições da História Cultural, destacamos as discussões sobre o pós-modernismo, pois as mesmas nos conduzem para a desconstrução da verdade e o questionamento da objetividade. Acredita-se que não chega ao passado mas aproxima-se dele através dos indícios ou dos “restos textualizados”.

Conforme explicita Linda Hutcheon, no fenômeno do pós-modernismo “o centro já não é totalmente válido” e alerta para o cuidado de “não transformar o marginal num novo centro”. (Idem, 1991:29/30). Para a autora, o pós-modernismo é uma “atividade cultural em andamento” e precisa de uma poética para a organização dos vários conhecimentos e para o estudo das culturas.

Assim como a História Cultural e o pós-modernismo, os feminismos também abrem caminhos para a construção de novas histórias, novos sujeitos. Consiste em um projeto que torna visível a análise da experiência de grupos diferentes, grupos anteriormente esquecidos, dimensões e atividades da vida deixadas de lado pela história convencional.

É no contexto dos movimentos feministas, nessa militância pela mudança que apresento duas gerações de mulheres no interior do Brasil, mulheres goianas que, a partir de suas obras literárias, deixaram riquezas de detalhes da micropolítica da vida cotidiana, o que permite a interpretação histórica com outros olhares, novos valores e possibilidades de construção do social e de uma nova epistemologia.

Margareth Rago (1998) em seu texto *Epistemologia Feminista, Gênero e História* defende propostas de epistemologias alternativas como formas de inovação libertária. Para a autora, é preciso uma constituição de um projeto feminista de ciência, uma participação do feminismo na crítica cultural. Como forma de argumentação para sua proposta de projeto, Margareth Rago acredita que:

as mulheres trazem uma experiência histórica e cultural diferenciada da masculina, ao menos até o presente, uma experiência que várias já classificaram como das margens, da construção miúda, da gestão do detalhe, que se expressa na busca de uma nova linguagem, ou na produção de um contradiscurso, é inegável que uma profunda mutação vem se processando, também, na produção do conhecimento científico. (RAGO, 1998:23/24)

O projeto feminista de ciência luta para dar visibilidade às mulheres e possibilita o nascimento do contradiscurso feminista, que conseqüentemente constitui um campo feminista do conhecimento, onde as mulheres se tornam agentes dos discursos rompendo com o enquadramento conceitual normativo.

É nessa concepção de epistemologia feminista que propusemos trabalhar com as obras das mulheres da família Fleury Godoy. Através de suas crônicas, contos e poemas podemos analisar e propor desconstruções para o sistema patriarcal.

Mulheres submetidas ao determinismo biológico<sup>5</sup>; à suas condições de produção; mas que fizeram da literatura e do domínio da escrita, formas de libertação, estando “Fora da Vida”, com suas personagens que timidamente ousaram sair da forma convencional de “ser Mulher”. Elas tentaram fugir do binarismo público/privado, pois sempre foram mulheres conhecidas na sociedade, mostrando um privado que é político.

As mulheres da família Fleury Godoy fizeram política apesar da limitação do espaço físico de seus lares, pois mesmo não lhes sendo permitido o emprego fixo ou trabalho remunerado no hierarquizado “espaço público”, utilizaram da paixão pela escrita e produção de suas obras, estratégias que romperam com a obrigatoriedade de seus afazeres domésticos<sup>6</sup>.

Conforme têm explicitado os movimentos feministas, o pessoal é político e assim o privado também é público, o pessoal e o social não se separam. Sabemos que há parcelas de subjetividade do pessoal no social e também o social é transportado para o pessoal. Essa fronteira entre espaço público e privado tem sido problematizada, levando os pesquisadores e teóricos do pós-modernismo, além dos/as estudiosos/as da cultura a reconhecerem a inter-relação desses espaços, fugindo do binarismo construído pela epistemologia convencional.

Os estudos feministas procuram desconstruir esses modelos e práticas produzidos no imaginário social; de que o espaço público é político, de que ao homem é permitido o acesso ao espaço social, o espaço da cultura, e às mulheres restam o espaço privado e os afazeres domésticos.

As experiências destas mulheres apresentam representações de gênero, reiterações tradicionais de imagens, mas lêem-se também em seus textos, através de suas personagens e histórias, momentos de descontinuidades, afastamento dos modelos binários patriarcais que separavam e hierarquizavam a produção de homens e mulheres. Esses modelos são produzidos nas representações sociais, tornam-se regimes de verdade para a sociedade.

Michel Foucault (1979) em seu livro *Microfísica do Poder* trabalha com o conceito de regime de verdade, segundo o qual:

A verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder. Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua 'política geral' de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros (...) (FOUCAULT, 1979:12).

Os feminismos têm buscado desconstruir esses regimes de verdades, propondo possibilidades múltiplas de práticas sociais e de mulheres que rompem com as representações construídas sobre a “verdadeira mulher”.

As mulheres da família Fleury Godoy tinham conhecimento político, estudaram, foram professoras, palestrantes, presidentas da academia feminina de Letras de Goiás e receberam vários títulos e homenagens através da literatura. Essa foi uma forma de romperem com as limitações do espaço doméstico. Fragilizaram também com a imagem universalizada da mulher que não pensa ou que não sabe fazer política, pois sempre escreveram artigos visibilizando mulheres que estavam rompendo com os paradigmas<sup>7</sup> da sociedade; escreveram sobre II Guerra Mundial, sobre a cultura de vários estados, e receberam diversas premiações, como no Rio de Janeiro, São Paulo, Goiânia e França.

A literatura e o conhecimento foram à forma que encontraram de se libertarem, de se emanciparem dos afazeres domésticos; entre outras realizações foram elas que arquitetaram suas casas. Nós feministas estamos visibilizando novas formas, mulheres que de algum jeito ou em algum momento substituíram conceitos e práticas fixas imposta a nós.

Um outro aspecto que abordamos neste artigo é a problemática literária da constituição do cânone, o que tem sido uma preocupação dos estudos feministas. Rita Schmidt (1996) problematiza o cânone e também o contra-cânone. No subtítulo de seu texto podemos observar sua proposta de análise, quando ela diz: “*Nem aquele que é o mesmo nem este que é o outro*”. Isso quer dizer que é preciso construir um projeto orgânico e dinâmico em nossas práticas acadêmico-culturais para não cairmos mais no erro de repetirmos o discurso do mesmo, ou seja, o discurso hegemônico, nem tão pouco nos apropriarmos, de forma mecânica, do discurso do outro.

É preciso uma política e epistemologia que descentralize o centro, mas que também não se pense as margens a partir do referencial centro. Pelo contrário, é preciso

problematizar as margens a partir de suas próprias periferias, suas próprias referências, entendendo que as margens são complexas, possuem suas próprias categorias e particularidades, sem reduzir as margens à diferença em relação ao centro.

Sobre essa reflexão, Schmidt afirma:

No meu entender, a polarização cânone/contra-cânone que começa a tomar corpo nos estudos das literaturas nacionais via discurso crítico, configura uma afirmação tautológica da autoridade do centro na medida em que a negação dos seus paradigmas de referência, condição de existência da retórica contra-canônica, implica, mesmo que de uma forma oblíqua, o reconhecimento do centro como referencial. (...) Essa lógica perversa, caucada em noções de causalidade e de determinação de valores originários que se tornam modelares, precisa ser desconstruída sob pena de nosso discurso crítico construir aqui suas próprias periferias. (SCHMIDT, 1996:115-116).

A problemática cânone/contra-cânone não pode ser simplificada ou restrita à oposição centro/margem como nos alerta Schmidt: “A simples redução da diferença à polarização cânone/contra-cânone parece-me ser uma oposição essencialista e improdutiva, que reproduz o binarismo centro-margem, fixando identidades culturais numa hierarquia imposta ou presumida.” (SCHMIDT, 1996:121).

Em sua formação o cânone sempre desconheceu rupturas ou descontinuidades, pois preocupava-se sobretudo em reafirmar a legitimidade e os valores que constituíam o centro. Apesar da grande resistência ao questionamento dos pressupostos alicerçados nos critérios estéticos e juízos de valores tradicionais, surge no contexto da crítica feminista e da pós-modernidade uma série extensiva de estudos e pesquisas que estão alterando o mapa da produção literária e a própria configuração da historiografia oficial.

Na concepção de Schmidt, a problematização do cânone encontra-se no contexto do pensamento pós-moderno, o qual busca descentralizar as questões de poder, verdade e valor. Precisamos adotar uma postura de deslocamento do referencial centro-margem para assim reconhecermos uma cultura própria dessas margens, dinâmica, agenciada em suas próprias periferias. Posteriormente, é possível analisarmos nessas margens as representações e os múltiplos imaginários que constituem as relações humanas, como é o caso das autoras selecionadas para a presente pesquisa.

O nosso trabalho também se formula a partir dessas contribuições, pois buscamos visibilizar a autoria feminina e suas experiências reconstituídas por elas mesmas a partir de seus textos. Pretendemos fazer um trabalho de interpretação histórica, analisando as representações sociais e o imaginário e, dessa forma, acrescentaremos novos olhares e novos espaços de construção. Visibilizar a autoria feminina também é um gesto político, porque acreditamos na contribuição relevante deixadas por essas mulheres que foram silenciadas durante muitas construções do conhecimento científico, e que agora buscam o afastamento dos modelos hegemônicos de produção.

O texto abaixo, extraído do conto *Fora da Vida* escrito por Maria Paula (que utilizou o pseudônimo Marilda Palínea) ilustra a resistência dessas mulheres aos papéis tradicionais:

D<sup>a</sup>. Lucia... fora a melhor prosa que eu conhecera na cidade. (...) Era um espírito ágil, curioso, devorando quantos livros encontrasse e gostando de discutir as idéias que estes lhe despertavam com inteligência e bom humor... Emprestara-lhe romances, pois preferia literatura de ficção... Era moça, muito moça, bonita, comunicativa. Sentia-se nela um irresistível impulso para viver em sociedade... Nada disso compreendia Lúcia. Inteligente e fina, seu espírito naturalmente inclinado para as cousas de arte, sofria e se rebelava contra a vida mesquinha, vegetativa, que se tornara a sua... Ela fez-se professora de primeiras letras. (GODOY, 1960: 9)

No trecho acima, a personagem Dona Lúcia apresentava valores que tradicionalmente não deveriam ser associados às mulheres: ela era comunicativa, ávida

leitora de livros e buscava vários conhecimentos. Como tais características não estavam comumente associadas com as mulheres, elas entravam em contradição com os seus papéis tradicionais, e como tal, precisavam ser controladas e silenciadas pelas práticas sociais e também pelas experiências da sociedade patriarcal. Isto é ilustrado pela narradora quando ela fala que Dona Lúcia nascera para “viver em sociedade”, como se o viver em sociedade não fosse comum para as mulheres.

Percebemos nesta fala que, tradicionalmente, o espaço público sempre foi ocupado pelo homem e que pertencia a ele este espaço da cultura; mas no conto a personagem rompe com essa imposição de separação de espaços e demonstra não se conformar com a vida que tentaram fazer com que ela vivesse.

Hoje é possível fazer a interpretação das margens nesses discursos. Leituras que apresentam novos olhares, alterações nas formas de pensar, agir e se relacionar dos sujeitos em oposição às construções binárias determinantes de identidades fixas. Laurettis afirma que: “... a experiência se altera e é continuamente reformada para cada sujeito, através de seu contínuo engajamento na realidade social, uma realidade que inclui – e, para mulheres, de forma capital – as relações sociais de gênero.” (LAURETTIS, 1994:228).

O conto *Fora da Vida* demonstra também momentos de reprodução de representações hegemônicas, momentos de “performatividade do gênero” como nos explica Butler em seu livro *Problemas de Gênero*. Para a autora, performatividade do gênero significa ato instituidor, produção discursiva na repetição e na recitação. Ação das representações sociais que cria realidade; criação das práticas de gênero. Ela nos diz:

Esses atos, gestos e atuações, entendidos em termos gerais, são performativos, no sentido de que a essência ou identidade que por outro lado pretendem expressar são fabricações manufaturadas e sustentadas por signos corpóreos e outros meios discursivos. (...) Em outras palavras, os atos e gestos, os desejos articulados criam a ilusão de um núcleo interno e organizador do gênero. (BUTTLER, 2003:194/195).

Como exemplo de performatividade do gênero, no conto *Fora da Vida* percebemos a imagem da mulher histérica, quando a personagem diz que as mulheres têm nervos que vibram: “- O senhor sabe. Nós mulheres, temos nervos que vibram, às vezes, por tão pouco... Somos tão impressionáveis, tão fracas, tão oscilantes...” (*Idem*).

Esta idéia da “Mulher” histérica é reiterada ao longo dos tempos históricos inerente ao imaginário social. Percebemos a construção da representação de mulheres que perdem a paciência fácil, oscilam o humor, ou mesmo eram tidas como loucas, mal amadas, etc. Observamos também a universalização desta característica, onde muitas mulheres são tidas como histéricas; então todas são representadas e constituídas nos imaginários como “A Mulher”, levando nós, historiadoras feministas a buscarmos uma desconstrução dessas representações universalizantes.

No mesmo conto, faz-se a leitura da representação da velhice; são representações pejorativas, onde a pessoa mais velha perde seu valor na sociedade, como se ela não produzisse mais.

Dentro dessas construções sociais, o imaginário nos mostra uma sociedade que exclui esse grupo de pessoas e julga que o mesmo retorna à infância. Muitas vezes, a velhice compõe um par binário: juventude e belo *versus* velhice e feio. Podemos perceber isso quando a personagem fala que tem medo de ficar trêmula, cheia de rugas; então era preferível morrer logo: “E repetia sempre: - ‘Não quero viver muito. Para que? Tenho uma repugnância enorme de me ver trêmula, curvada, arrastando os pés, fraca e

triste, nessa decadência física dos velhos. Também tenho horror a uma longa enfermidade, que me faça sofrer muito” (GODOY: 1960:10).

Por fim, D. Lúcia se sentia “fora da vida” quando lia: “É exato, porém, que a leitura, um vício para mim, me dá uma exaltação fictícia, um entusiasmo passageiro, fazendo-me viver fora da vida.”. (*Idem*)

Era o segredo de sua felicidade, sair da situação em que fora inserida, sem muitas opções, para o encontro de leituras que lhe proporcionava resistência aos papéis que sempre foram atribuídos às mulheres pela sociedade patriarcal, pois ela teve o seu papel social na pequena cidade onde vivera: “Vivia lendo. Lendo e palestrando, pois tinha a casa sempre cheia, principalmente de moças...” (GODOY, 1960:11).

Estes textos permitem a leitura de uma micropolítica, a leitura de um outro lugar, a visibilidade do irrepresentável, como Teresa de Laurettis (1994) em seu texto *Tecnologias de Gênero* chama de “*space off*”. A autora explica que usou a expressão *space-off* retirada da teoria do cinema e para ela, esse é o outro local dentro do discurso, vai além das representações que enxergamos nos textos, são as margens nos próprios textos, os pontos cegos, o não representado explicitamente.

Para Laurettis, essa percepção de análise faz parte “do atual esforço para criar novos espaços de discurso, reescrever narrativas culturais e definir os termos de outra perspectiva – uma visão de ‘outro lugar’” (LAURETTIS, 1994: 236).

Segundo a autora, esse movimento entre o representável e o não representável, seja no campo discursivo ou visual, é um movimento chamado “dentro e fora do gênero”: as práticas feministas têm buscado escrever a partir desse “outro lugar”, ou seja, fora das construções tradicionais gênero:

Esses dois tipos de espaço não se opõem um ao outro, nem se seguem numa corrente de significação, mas coexistem concorrentemente e em contradição. O movimento entre eles, portanto, não é o de uma dialética, integração, combinatória, ou o da *différance*, mas sim a tensão da contradição, da multiplicidade, da heteronomia. (LAURETTIS, 1994: 238)

Ao mesmo tempo em que escrevemos desse outro lugar - ou seja, fora das representações convencionais do gênero - não podemos escapar das redes de significações e de representações de gênero já existentes e consolidadas. Esses espaços são forças em direções contrárias, também observadas na micropolítica cotidiana.

Os feminismos buscam produzir uma nova epistemologia a partir da leitura e valorização das margens encontradas nos discursos hegemônicos para, então, promover a desconstrução das representações que foram produzidas na epistemologia convencional.

Acerca desta reflexão, Laurettis sugere:

O movimento para dentro e fora do gênero como representação ideológica, que, conforme proponho, caracteriza o sujeito do feminismo, é um movimento de vaivém entre a representação do gênero (dentro de seu referencial androcêntrico) e o que essa representação exclui, ou, mais exatamente, torna irrepresentável. É um movimento entre o espaço discursivo (representado) das posições proporcionadas pelos discursos hegemônicos e o *space-off*, o outro lugar, desses discursos: esses outros espaços tanto sociais quanto discursivos, que existem, já que as práticas feministas os (re)construíram, nas margens (ou ‘nas entrelinhas’, ou ‘ao revés’), dos discursos hegemônicos e nos interstícios das instituições, nas contrapráticas e novas formas de comunidade. (LAURETTIS, 1994: 238)

A partir da ótica feminista de desconstrução e da tentativa de escrever desse “outro lugar”, procura-se enxergar e possibilitar caminhos diversos para as interpretações das experiências e também propor mudanças e transformações, quebrando com a rigidez de papéis, de valores e posições da “Mulher”.



A história de Goiás ainda está em processo e precisa ser escrita desnaturalizando paradigmas, reescrevendo as relações sujeito/objeto, contribuindo para uma nova produção acadêmica.

#### NOTAS:

---

<sup>1</sup> Maria Paula e sua irmã Mariana escreveram para a *Revista Oeste, Cruzeiro, Revista Ton Ton, Jornal O Popular, A Rosa, O Lar*. Maria Paula foi organizadora do *Jornal Baumman*, jornal manuscrito feito e editado por ela.

<sup>2</sup> toda criança negra era livre, mas deveria trabalhar pelo tempo que o senhor de escravos o sustentava, ou seja, o senhor o sustentava até os 9 anos então, trabalhava até os 18 anos, nenhum escravo foi beneficiado por essa lei, pois antes foi abolida a escravidão;

<sup>33</sup> Diário escrito por Augusta Faro e publicado por Maria Paula; livro: *Do Rio de Janeiro a Goiás – a viagem era assim*. 1896.

<sup>4</sup> A Chácara Baumman pertenceu ao Barão Baumman e depois foi comprada por Dr. Sebastião Fleury, onde viveram desde 1903. Atualmente a chácara é tombada pelo Patrimônio Histórico de Goiás.

<sup>5</sup> Em vários contos, crônicas e outros registros da família percebe-se a exaltação da maternidade, o maternal ligado ao divino, ao santo.

<sup>6</sup> Em entrevistas por mim gravadas as netas de Augusta Faro; Marilda Godoy e Augusta Melo confirmam que avó e mãe usaram da literatura para romperem com os deveres domésticos, além de biografias das autoras documentadas em livros e jornais que comprovam o mesmo assunto.

<sup>7</sup> Referência ao artigo “Vão abrindo alas que nós vamos passar”. O artigo cita e parabeniza mulheres agindo e transformando a sociedade, exemplo: referência à Rachel de Queiroz. Título em homenagem à Chiquinha Gonzaga.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AIRES, Eliana Gabriel. *O conto feminino em Goiás*. Goiânia: UFG, 1996.

BRITO, Célia Coutinho. *A mulher, a história e Goiás*. Goiânia: Cultura Goiana. 1974.

BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade*; Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARDOSO, Ciro e VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da História*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CURADO, Augusta de Faro Fleury. *Devaneios*. Goiânia: Gráfica e Editora Piloto Ltda, 1988.

---

CURADO, Mariana Augusta Fleury. *Rua do Carmo (crônicas)*. Goiânia: Gráfica e Editora Líder, 1981.

GODOY, Maria Paula Fleury (org.) *Do Rio de Janeiro a Goiás 1896 (A viagem era assim)* 2ª edição. Goiânia, 1985.

\_\_\_\_\_ *A Velha Casa. Rio de Janeiro*: Pongetti, 1960.

\_\_\_\_\_ *Suave Caminho (Crônicas)* Rio de Janeiro: Editora Pongetti, 1970.

\_\_\_\_\_ *A longa viagem (Crônicas)* Rio de Janeiro: Editora Pongetti, 1968.

FLAX, Jane. *Pós-modernismo e relações de gênero na teoria feminista*. In: Holanda, Heloisa Buarque de. (org.). *Pós-modernismo e política*. Rio de Janeiro, 1991. p.217-250. ( trad. De Carlos A. de C. Moreno).

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. (trad. Roberto Machado) Rio de Janeiro: Graal, 2001.

FRANCO, Rafaella Sudário R. *Devaneios: A Construção do cotidiano por meio da arquitetura* e da escrita feminina em Goiás. In: Revista Fragmentos de Cultura, v.15, nº 10, p.1475-1602. Goiânia: Editora da UCG, out. 2005.

HUTCHEON, Linda. *A Poética do Pós-Modernismo: história, teoria e ficção*. Tradução Ricardo Cruz. - Rio de Janeiro: Imago Ed., 1991.

JODELET, Denise. *Representações Sociais*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2001.

LAURETIS, Teresa de. *A Tecnologia Do Gênero*. In: Hollanda, Heloisa Buarque de. *Tendências E Impasses*. Rio de Janeiro: Roxo, 1994.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e História Cultural*. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

RAGO, Margareth. *Epistemologia Feminista, Gênero E História* In: org.Pedro, Joana Maria e Grossi, Miriam Pillar. *Masculino, Feminino, Plural*. Florianópolis, 1998.

SCOTT, Joan W. *Experiência* in: Silva, Alcione Leite da; Lago, Mara Coelho de Souza. *Falas de Gênero*. Santa Catarina: Editora Mulheres, 1999.

SCHMIDT, Rita Terezinha. *Cânone/ Contra-Cânone: Nem Aquele que é o mesmo Nem este que é o outro*. In: CARVALHAL, Tânia Franco(org.). *O discurso crítico na América Latina*, Porto Alegre: IEL: Editora da Unisinas, 1996.

WOOLF, Virgínia. *Um teto todo seu*. (trad. Vera Ribeiro) Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.